RODRIGUES, Lidia da Silva. Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização. Universidade de Brasilia. Brasilia: 2013.

SANTOS, Fernanda Cristina Ribeiro dos. A Ludicidade na Alfabetização: Perspectivas e Possibilidades de Novas Aprendizagens. Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Medianeira: 2014.

A EDUCAÇÃO, POR SUA VEZ, É DE SUMA IMPORTÂNCIA PARA A ENTRADA DA CRIANÇA NA CULTURA

CLAUDIA MARIA PEREIRA DA SILVA

RESUMO

O sistema escolar ampliou o número de vagas, mas não desenvolveu uma ação que o tornasse eficiente e garantisse o cumprimento daquilo que se propõe, ou seja, que desse acesso à cidadania. Vivemos num país em que a distribuição do conhecimento como fonte de poder social é feita privilegiando alguns e discriminando outros. Precisamos buscar soluções para que a escola seja eficaz no sentido de promover o conhecimento e, assim, vencer problemas cruciais e crônicos de nosso sistema educacional conforme descrito a seguir: evasão escolar; aumento crescente de demandas com problemas de aprendizagem; formação precaríssima dos que consegue concluir o ensino infantil. desinteresse geral pelo trabalho escolar, a escola torna-se cada vez mais o palco do fracasso escolar e de formação precária, impedindo os jovens de se apossarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e compreenderem melhor o mundo que os rodeia. A escola, que deveria formar jovens capazes de analisar. Criticamente a realidade, a fim de perceber como agir no sentido de transformá-la e, ao mesmo tempo, preservar as conquistas sociais, contribui para perpetuar injustiças sociais que sempre fizeram parte da história do povo brasileiro. Defasagem escolar na educação escolar e a necessidade de avançar nos estudos sobre esse sintoma, pode ser justificada com base em várias perspectivas: o sofrimento que causa à criança, os prejuízos que representam aos pais, a necessidade de rever a teoria e a prática psicanilística diante da natureza desse sintoma e enfim a necessidade de repensá-la à luz de paradigmas pós-modernos, embora muito se tenha estudado e discutido os problemas da educação brasileira, o fracasso escolar ainda se impõe de forma claramente e persistente.

Palavras chave: Defasagem. Escolar. Educação. Criança. Prejuízos.

ABSTRACT

The school system increased the number of vacancies, but did not develop an action that would make it efficient and guarantee the fulfillment of what it proposes, that is, that would give access to citizenship. We live in a country where the distribution of knowledge as a source of social power is done by privileging some and discriminating against others. We need to look for solutions for the school to be effective in promoting knowledge

and, thus, overcoming crucial and chronic problems in our educational system, as described below: school dropout; growing increase in demands with learning problems; precarious training of those who manage to complete early childhood education. general lack of interest in school work, the school increasingly becomes the stage of school failure and precarious training, preventing young people from taking possession of the cultural heritage, the knowledge accumulated by humanity and better understanding the world around them. The school, which should train young people capable of analysis. Critically with reality, in order to understand how to act in order to transform it and, at the same time, preserve social achievements, contributes to perpetuating social injustices that have always been part of the history of the Brazilian people. School delay in school education and the need to advance in studies on this symptom can be justified based on several perspectives: the suffering it causes to the child, the damage it represents to parents, the need to review psychoanalytic theory and practice in the face of the nature of this symptom and finally the need to rethink it in the light of postmodern paradigms, although much has been studied and discussed the problems of

Brazilian education, school failure still imposes itself clearly and persistently.

Keywords: Lag. school. Education. Kid. losses.

1.INTRODUÇÃO

Através da teoria da carência cultural, que o ambiente familiar na pobreza é deficiente de estímulos sensoriais, de interações verbais, de contatos afetivos entre pais e filhos, de interesse dos adultos pelo destino das crianças, num visível desconhecimento da complexidade e das nuances da vida que se desenrola nas casas dos bairros mais pobres.

O não se pode entender o ser humano sem ter o meio social como referência, pois a aprendizagem se dá como processo anterior a escolarizaçao. É no meio social familiar que o indivíduo terá as primeiras aprendizagens, influências, interações. Sem o capital cultural herdado dos pais, os indivíduos de classes sociais baixas, enfrentam grande dificuldade nos anos de escolarização.

O fracasso escolar é um desses desafios de um estudo na sua história, a fim de que possamos compreender qual é o papel da escola na trama que os seres humanos foram armando ao longo de sua existência.

Para fazer uma boa aprendizagem escolar não é suficiente ter uma grande inteligência. A possibilidade de aprendizagem escolar está diretamente relacionada à estrutura da personalidade do sujeito e para aprender o que a escola ensina, é necessária além de outras coisas, uma personalidade sadia e emocionalmente madura. Pode-se dizer que o nível de maturação de um indivíduo para a aprendizagem depende do interjogo entre fatores intelectuais e afetivos, o equipamento biológico que traz ao nascer e as condições de comunicabilidade com o meio significativo.

Desde os primórdios da humanidade, quando o homem começou a dividir

os clãs em hierarquias, há a divisão e diferenciação das classes conforme o seu poderio, e tal qual a classe social, a educação também sofre uma diferenciação, o ensinamento dado ao plebeu nunca seria o mesmo aplicado à nobreza.

Para ter acesso a uma educação de prestígio, o indivíduo deveria ser contemplado em nascer em uma família com bom posicionamento hierárquico. Já para a plebe, cabia lhes aprender as oficinas herdadas de família. Porém na modernidade, surge uma sociedade capitalista moderna, que devido a expansão deste sistema, dividiram-se classes, primeiramente pela ocupação que o indivíduo exercia. Operários, agricultores, e empresários possuem diferença de status, famílias com rendimentos muito baixos, não tem condição para dar ao aprendiz um conhecimento prévio cultural ou estímulo aos estudos, por que assim não o tiveram. CAPITULO 2. INGRESSAREM NO ENSINO INFANTIL

Ao ingressarem no ensino, o indivíduo de baixa renda é cobrado a falar e escrever a linguagem culta. Nesta fase se alastram os erros de escrita como os analisados nos textos com alunos de quarta série nesta pesquisa. E parte da escola a não compreensão desses erros, gerando desmotivação dos alunos, incutindo no seu interior a não capacidade de aprender.

Citado por Patto (1991), em seu artigo que "o problema básico da criança de baixa renda é aprender como aprender."

Para Bourdieu (1992), os antecedentes educacionais dos pais afetam no rendimento escolar dos filhos. E a permanência ou não do indivíduo jovem na escola decorre de sua percepção do sucesso acadêmico (e por consequência financeiro) dos indivíduos de mesma classe social que o rodeiam.

Sem ter capital cultural, estímulos parentais, o aluno se depara com um sistema de ensino nada democrático. Embora os cursos superiores direcionados a formação do discente estejam cientes da importância dos antecedentes sociais do indivíduo, não dispomos de um programa que atenda os alunos provenientes de classes mais baixas, para que assim possa obter o sucesso almejado pelo sistema de ensino. (PATTO, 1991)

A educação da criança se dava por sua convivência com adultos e não era controlada pela família e no final do século XVII é que vai ocorrer uma mudança na organização da própria família e no lugar assumido pela criança. A escola substitui a aprendizagem pela convivência, como meio de educação, visando prepará-las para a vida adulta, pela redução da brincadeira e a implantação das atividades intelectuais (BOSSA 2002).

O conceito de criança para Bossa (2002) é uma construção histórica, que se modificou ao longo dos tempos, dando origem a distintos sentimentos em relação à infância, surgindo assim uma grande preocupação a fim de corrigi-la e disciplina-la, acreditando que por meio de uma disciplina racional, as crianças poderiam transformar-se em adultos responsáveis. A escola passa a serem carregada de preparar os filhos para a vida adulta, exercendo sobre elas um poder disciplinador.

O conhecimento prévio, tanto os estímulos que traz do convívio social são

fragilizados demais para a exigência escolar. Tais dificuldades geram a paralização dos aprendizes diante das futuras cobranças acadêmicas.

O conceito de Bourdieu, capital cultural, é uma análise dos hábitos, habilidades e disposições, conhecimentos adquiridos herdados de uma família pertencente à classe privilegiada da sociedade. Estes conhecimentos se dão desde a mais tenra idade, nos aspectos materiais, leitura de livros; acesso à obras de arte, e à aspectos cognitivos como visita à museus, teatros e conceitos. (BOURDIEU apud PATTO, 1991).

Bourdieu (1991), resalta em seu estudo que a partir de um grande número de pesquisas é possível verificar um padrão de dificuldades de aprendizagem sentidas em sua maioria por alunos de classe baixa. Como na pesquisa realizada, o seu resultado afirma a fala de Bourdieu, que os indivíduos provenientes de classe baixa apresentam dificuldades na leitura e interpretação textual, o que remeterá a uma dificuldade clara nas demais disciplinas. Encontram também séria defasagem em vocábulos e na escrita.

Famílias de alto poder aquisitivo, financiam o conhecimento e educação de sua prole desde a mais tenra idade, com estímulos ambientais, culturais, linguísticos dentre outros. Esses aprendizes ao ingressarem na escola, já terão uma realidade de mundo letrado diferente da visão do aprendiz de baixa renda. Ainda muito pequena, a criança tende a absorver todo estímulo parental e herdar o capital cultural transmitido pelos pais.

A família é a primeira sociedade em que o individuo irá manter relações. O ambiente, os hábitos familiares, tudo influenciará na construção da inteligência da criança. Das mais simples atitudes, como a leitura de um jornal diário ou de um livro de estórias, irá incutir no indivíduo a motivação pelo saber, mesmo que esta não disponha de uma linguística familiar culta ou acesso a cultura.

Segundo Morrish (1991), a classe média se distingue em 2 grupos de status, aqueles que preocupam-se com o consumo da riqueza em investimento educacional para sua prole, e aqueles que cuja a riqueza conquistada não muda seu pensamento diante das oportunidades futuras para sua família, procuram gastar seu dinheiro em prazeres materiais. Isso se dá à crescente estratificação social das famílias atuais.

Sendo assim, Morrish (1991) afirma que o mais importante é a motivação educacional dos pais para seus filhos.

Mesmo que a democracia atual garanta a todos acessos à educação, as escolas precisam do prévio estímulo à educação da família na aprendizagem do aluno. Mesmo mantendo essa diferenciação motivacional, a condição financeira não é o principal e único fator para que o aluno obtenha um bom desempenho escolar.

Estímulo parental e o progresso da aprendizagem o papel do docente frente a falta de estímulos dos pais. A história da vida possui importância fundamental no que diz respeito à aprendizagem. A influência do meio é inegável no desenvolvimento ou não das habilidades de leitura, escrita e produção textual (LEITE, 1985).

Em um ambiente escolar público vê-se uma diferenciação no que diz respeito

aos estímulos parentais a aprendizagem. Mesmo os indivíduos sendo pertinentes a mesma classe social, há diferença no grau de conhecimento e consciência na importância do estudo para o sucesso acadêmico e financeiro futuro de sua prole.

Ao analisar o papel dos pais na escolarização dos filhos e suas implicações para a aprendizagem, deve-se observar que o estímulo familiar irá impulsionar o sucesso na aprendizagem do indivíduo. Mas distanciamento da família pode provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação, especialmente nas classes menos favorecidas (POLONIA, 2005).

Além da defasagem em estímulos e motivações parentais, a classe baixa não dispõe de domínio da norma culta, compreendem em seu vocábulo palavras informais, apelidos e “gírias”, além de uma fala rápida e sem orientação ao aprendiz sobre a existência de uma forma culta de pronunciá-la.

Toda essa problemática decorre de uma relação linguística existente entre a família e a criança. A criança de baixa renda tem pouco estímulo verbal dentro da sua família. Ela não é geralmente levada a verbalizar suas experiências de forma mais específica, dada a troca de sinais não verbalizados e estruturas pessoais de verbalização utilizada pelos pais na comunicação diária com seus filhos, restringindo as longas falas por gestos e pequenas palavras que em suas entrelinhas está a significação da comunicação.

Já o padrão de sinais verbais e a mudança de sinais não verbais para verbais ocorre de forma mais rápida em crianças da classe média. Entre pais e filhos há mais verbalização de ações e estímulos a linguagem correta utilizadas no cotidiano familiar.

Os filhos são estimulados a travarem um diálogo mais minucioso com sua família, recebendo esta mesma forma de comunicação. (BERNSTEIN, apud PATTO)

Os currículos dos cursos superiores de pedagogia, mesmo cientes dessa problemática, pouco discutem o fracasso escolar e sua relação com a origem social do aluno (LEITE, 1985).

Esse déficit gera docentes mecanizados a não de perceber que a dificuldade em assimilar o conteúdo com seu cotidiano, é porque a matéria dada está muito distante do seu meio social e seu conhecimento prévio do mundo.

Neste contexto, qual seria o papel do docente diante de uma escola que atende crianças de classe média baixa e baixa e ainda não contam com estímulo familiar?

Freire (2007) ressalta que, " no fundo, nem somos só o que herdamos, nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos." Se falta o estímulo parental, cabe ao docente e gestores da escola, promover a aproximação entre a família e a escola, evitando o distanciamento familiar do que diz respeito ao aprendizado do aluno.

Cabe ao educador, tomar uma posição coerente frente ao aluno de classe baixa, conhecendo o mundo concreto em que ele vive perceber o que o indivíduo já sabe a partir das suas experiências de mundo.

A educação, por sua vez, é de suma importância para a entrada da criança na cultura, para que haja continuidade na transmissão do saber cultural. Os próprios limites e exigências impostos pela escola são necessários, posto que não haja como escapar às renúncias impostas pela civilização.

Educar sem proibições, como argumenta Bossa (2002) não possibilitará a criança o acesso ao gozo, sem interdições, não poderia instaurar-se o desejo. No entanto, não se pode esperara uma educação perfeita, pois aqui, também haverá algum fracasso, uma impossibilidade de realização.

O docente deve observar as heranças culturais, reconhecer sua existência e respeitá-las. Mas este respeito não significa uma adequação a elas. O respeito e o reconhecimento devem ser fundamentais para a mudança (FREIRE, 2007).

Este reconhecimento vem preencher a lacuna motivacional que deveria ser proveniente do meio familiar. Depois da família, a escola e mais especificamente o docente, tem grande influência na formação do indivíduo, se utilizado a devida atenção e forma de motivar.

A vida escolar é a dimensão escolhida para a ocorrência do sofrimento, que, é concebido como um sintoma que sinaliza para alguém que alguma coisa não vai bem. Um sinal que é preciso interpretar, decifrar e que, em dado momento de nossa prática, leva-nos a perguntar: por que o sintoma na aprendizagem escolar? A essa pergunta responderemos: se o objetivo é sinalizar, nada mais apropriado que o sinal ocorra na escola. Em nossa vida profissional, vimos crianças que, durante muitos anos, manifestam determinados sintomas, definidos por Bossa (2002) como unurese, obesidade, anorexia, enxaqueca, alergia, hiperatividade e vários outros e somente quando fracassam na escola é que se fizeram ouvir. A função que a escola tem em nossa cultura faz dessa instituição o lugar privilegiado na formação de um sintoma, ela não só gera o sintoma, como também a denúncia.

É importante salientar que, ao falarmos de escolha, estamos referindo-nos a uma escolha inconsciente. Não queremos dizer com isso que o problema da aprendizagem escolar, seja um fenômeno gerado pelo sujeito sem a participação da escola. Trata-se de um sofrimento contemporâneo, um sintoma produzido na sociedade, uma patologia de nosso tempo, que se encontra em certos casos as condições de possibilidade.

O trabalho clínico fornece-nos, todos os dias, o testemunho dos sofrimentos gerados e vividos nos relacionamentos, especialmente os provenientes das dificuldades de aprendizagem escolar. O apelo deste sintoma na criança introduz-nos no mundo fantasmático dos adultos, revelando as desventuras do mundo de relações, um mal-estar na cultura. Muitas crianças escolhem inconscientemente a área escolar para manifestar um sintoma, o apelo de não aprender tem na angústia o seu motor. Mobiliza, comove, traz à tona uma verdade, a verdade do sujeito e, afirma Bossa (2002), o atendimento clínico revela-nos quem para além das queixas, há o peso das tensões e interferências da dinâmica emocional inconsciente dos adultos que vivem à volta das crianças.

No processo civilizatório, o objetivo é criar uma unidade com base nos seres humanos individuais. A felicidade de cada um para o segundo plano. Uma comunidade bem-sucedida não pode prestar atenção à felicidade do indivíduo. Os interesses do indivíduo e da civilização não coincidem totalmente, se o indivíduo tivesse como objetivo seu os objetivos da comunidade poderiam haver uma conciliação; no entanto, afirma Bossa (2002) o indivíduo, ao mesmo tempo em que persegue os objetivos da comunidade, persegue também o seu próprio caminho e, portanto, o individual e o cultural estão em luta constante.

Segundo Bossa (2002) nos últimos anos, temos acompanhado nas ciências humanas uma tentativa de mudança de postura epistemológica. O paradigma emergente funda-se na superação de distinções dicotômicas, tais como natureza/cultura, coletivo/individual, sujeito/objetivo, teoria/prática. Apoiado nessa nova maneira de produzir conhecimento busca-se a superação de tradição dicotômica presente na maioria dos estudos sobre essa problemática, que ora focalizam o aluno, ora a escola, ora a família, como se cada uma dessas dimensões pudesse existir sem o outro.

Os estudos de Bossa (2002) interrogam a teoria e procura uma nova direção no tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. A prática é o ponto de partida e procura-se no próprio método uma produção de conhecimento que venha de encontro à perspectiva pós-moderna, ora, esses mesmos estudos que denunciam a negligência das políticas educacionais para o individual acabam negando esse individual à medida que não reconhecem a singularidade nas condições de possibilidades de um sintoma culturalmente determinado.

CONCLUSÃO

Consideram, ainda, que os problemas de aprendizagem escolar devem-se ao fato de a família não assumir sua função, deixando a cargo de especialistas as decisões parentais e, além disso, o professor, que também recorre à ciência como a psicologia, pedagogia, não sabendo mais qual é o seu papel.

A escola é uma instituição encarregada de veicular normas. Sua função seria a transmissão de conhecimento construído culturalmente, porém, afirma Bossa (2002) seu peso em nossa sociedade é muito maior e muito mais do que ensinar um conteúdo, ela pressupõe a disciplinarização, a hierarquização.

Em relação a essa problemática a família é fundamentalmente sensível, ou seja, se o filho não corresponde ao esperado pela escola, a família não reluta em procurar um especialista e quando não o faz, e escola encarrega-se de pressionála, até que ceda aos preceitos dos educadores. A criança que, no início da Idade Moderna, era um ser engraçadinho, paparicada pelos adultos, foi transformada em adulto escolar.

Diferenciada do adulto emergiu como objeto do saber e como diferença a ser isolada e controlada, e a escola como espaço de exercício de um controle disciplinar e de elaboração de um saber sobre a infância. Esse poder disciplinar instituiu a norma à medida que hierarquiza, regu-